



GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo

Francirossy Campos Barbosa (USP) -
Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto
Federal de Brasília) - Coordenador/a, Paulo Gabriel
Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federal
Fluminense) - Debatedor/a

O islã? uma das religi?es que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presen?a em pa?ses ocidentais. A despeito disso, ele segue sendo ideologicamente constru?do de modo ?orientalista?, visto como uma religi?o ex?tica e retr?grada, al?m de uma amea?a a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma vis?o essencialista e homog?nea do isl? e de seus praticantes, buscamos o di?logo com pesquisadores que v?m se dedicando a investiga?es sobre esta religi?o em suas variadas intersec?es com quest?es nacionais, econ?micas, ?tnicas, raciais, geracionais, de classe, de g?nero e/ou de instru??o. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as rela?es entre fen?menos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos pol?ticos que ocorreram ou vem ocorrendo em pa?ses com popula?es de maioria mu?ulmana ? primavera ?rabe; radicaliza??o de grupos religiosos; guerras civis em pa?ses como a S?ria; deslocamentos populacionais ? influenciam as percep?es e as vidas de homens e mulheres mu?ulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas quest?es a partir de perspectivas exclusivamente te?ricass, quanto aquelas que apresentem pesquisas emp?ricas.

Etnografia em comunidades muçulmanas: o marcador de gênero na construção dos dados

Autoria: João Rodolfo Lopes Pereira

As diferentes formas de Islã são um universo à parte. No Brasil, as comunidades muçulmanas possuem cerca de um milhão de membros e constituiu-se a partir de imigrações vindas do Oriente Médio no século XIX e conversão de brasileiros (PINTO, 2005, p. 230). Cada comunidade muçulmana requer do pesquisador diferentes estratégias de inserção, comportamento e coleta de dados. Conhecer os códigos de conduta da comunidade a qual se pretende estudar pode ser um desafio para pesquisadores que nunca tiveram qualquer contato com o Islã, pois não pode ser completamente apreendida pelos textos sagrados do Islã, mas devem ser apreendidos durante a pesquisa de campo. Uma das questões mais recorrentes em etnografias em comunidades muçulmanas que influem na construção dos dados é a dinâmica de gênero. Ferreira (2009, p. 444) nos mostra como a construção dos espaços constroem a performance a ser assumida por ela, quanto mulher, em sua experiência etnográfica ao lado de mulheres muçulmanas. ?É um universo de meandros, de gentilezas, de comportamento recatado, olhar baixo, ouvidos atentos, gestos comedidos, e até mesmo extravagantes, dependendo da situação?. As imposições de uma performance de gênero não são apenas construídas na materialidade do corpo da etnógrafa, mas também ?no entorno, nas cercanias e nos circuitos da ação?. Estas performances são construções socioculturais de um discurso no qual afirma que ?cabe à mulher o cuidado com a casa e com os filhos e ao homem a obrigação de provê-los? pois ?as mulheres são mais ?sensíveis?, ?emocionais?, em contraposição aos homens, que são mais ?independentes? e ?autoritários??. organizando assim o espaço numa divisão de gêneros onde a esfera privada é o lugar feminino e a esfera pública o espaço masculino (FERREIRA, 2009, p. 449 apud HAMID, 2007, p. 109). Esta divisão do espaço organiza a circulação de homens e mulheres, que ficam limitados a determinadas áreas da casa e da mesquita. Pode-se perceber, a exemplo, nos momentos de oração na Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro os espaços reservados aos homens e às mulheres. ?[...] há uma pequena parte da sala que lhes fica simbolicamente reservada, uma vez que como regra religiosa, a mulher deve ficar atrás do homem nas orações (CHAGAS, 2006, p. 74)?. Por conta desta configuração sociocultural, a inserção no



campo, assim como a construção de contatos e a performance do etnógrafo durante a pesquisa atravessa questões de gênero. Este artigo, portanto, objetiva compreender como o tema gênero passa a se configurar como marcador na construção dos dados em pesquisas etnográficas. Para isto, analisar-se-á teses e dissertações na área de antropologia defendidas em universidades brasileiras entre 2005 e 2017 a partir da temática de gênero.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**